

Território de (re)existência, identidades e reprodução social: feira do agricultor familiar de Bragança/Pará.

Territory of (re)existence, identities and social reproduction: the family farmer's market in Bragança/Pará.

Territorio de (re)existencia, identidades y reproducción social: mercado familiar de agricultores en Bragança/Pará.

Jakeline Almeida Brito

Universidade Federal do Pará (PPGEO UFPA)

<https://orcid.org/0000-0003-3171-3866>

Maria das Graças Pereira Ramos

SEDUC/PA

<https://orcid.org/0009-0008-1230-1325>

Vilciney Paulo do Carmo Silva

Universidade Federal do Pará

<https://orcid.org/0009-0007-9296-6513>

Resumo: A feira da agricultura familiar constitui um espaço complexo, marcado por relações materiais e simbólicas que refletem a identidade de uma tradição familiar e comunitária. Nesse contexto, a agricultura representa a principal dinâmica que sustenta a reprodução social e econômica das famílias envolvidas. Neste artigo, propomos uma reflexão sobre a dinâmica de inserção dos agricultores familiares e suas estratégias de produção e comercialização no município de Bragança. A pesquisa possui caráter qualitativo, fundamentando-se em análise bibliográfica e na coleta de dados primários obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com agricultores,

comerciantes e organizadores da feira, entre os anos de 2023 e o segundo semestre de 2024. Conclui-se que a feira desempenha um papel fundamental como espaço de organização social, resistência e promoção da sustentabilidade, fortalecendo as práticas agroecológicas dos pequenos produtores rurais de Bragança. Além disso, configura-se como uma importante estratégia de enfrentamento às tendências de expansão dos mercados de alimentos industrializados na região nordeste do estado do Pará.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Agroecologia; Identidade Territorial; Feira.

Abstract: The family farming fair constitutes a complex space, marked by material and symbolic relationships that reflect the identity of a family and community tradition. In this context, agriculture represents the main activity that sustains the social and economic reproduction of the families involved. This article proposes a reflection on the integration dynamics of family farmers and their production and marketing strategies in the municipality of Bragança. The research adopts a qualitative approach, based on a bibliographic review and the collection of primary data obtained through semi-structured interviews conducted with farmers, traders, and fair organizers between 2023 and the second half of 2024. The findings indicate that the fair plays a fundamental role as a space for social organization, resistance, and the promotion of sustainability, strengthening the agroecological practices of small-scale rural producers in Bragança. Furthermore, it serves as an important strategy for confronting the expansion of industrialized food markets in the northeastern region of the state of Pará, Brazil.

Keywords: Family Farming; Agroecology; Territorial Identity; Fair.

Resumen: La feria de la agricultura familiar constituye un espacio complejo, marcado por relaciones materiales y simbólicas que reflejan la identidad de una tradición familiar y comunitaria. En este contexto, la agricultura representa la principal actividad que sustenta la reproducción social y económica de las familias involucradas. En este artículo, proponemos una reflexión sobre la dinámica de inserción de los agricultores familiares y sus estrategias de producción y comercialización en el municipio de Bragança. La investigación tiene un carácter cualitativo y se fundamenta en el análisis bibliográfico y en la recopilación de datos primarios obtenidos mediante entrevistas semiestructuradas realizadas a agricultores, comerciantes y organizadores de la feria entre los años 2023 y el segundo semestre de 2024. Se concluye que la feria desempeña un papel fundamental como espacio de organización social, resistencia y promoción de la sostenibilidad, fortaleciendo las prácticas agroecológicas de los pequeños productores rurales de Bragança. Además, se configura como una importante estrategia para enfrentar las

tendencias de expansión de los mercados de alimentos industrializados en la región nordeste del estado de Pará, Brasil.

Palabras-clave: Agricultura familiar; Agroecología; Identidad territorial; Feria

Introdução

A agricultura familiar pode ser caracterizada como aquele que pratica atividades rurais, possuindo até quatro módulos fiscais, cuja gestão da propriedade é gerida pela família, tendo a renda vinculada a atividade rural, conforme BRASIL (2006). No Brasil o termo passou a ser evidenciado em meados de 1990 segundo Schneider (2006). Fato que se deve também pela constituição do Programa de Apoio à Agricultura Familiar (PRONAF), estabelecido na mesma década, para Wanderley (2000), o programa se constitui uma expressão de mudança no cenário brasileiro, pois o mesmo passa a reconhecer oficialmente a agricultura familiar como um ator social. Embora a expressão seja relativamente recente no Brasil, a agricultura familiar é considerada uma categoria social, conforme destacado por Wanderley (1996).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a agricultura familiar é fundamental para o abastecimento interno de alimentos no Brasil. Conforme o censo agropecuário do IBGE (2017), 77% dos estabelecimentos agropecuários do Brasil são classificados como agricultura familiar, cerca de 3,9 milhões de estabelecimentos. Apesar dos dados científicos mostrarem tal quantitativo, é preciso dizer que a agricultura familiar contribui de forma significativa, mas de forma limitada em comparação com a produção agropecuária não familiar no Brasil.

A produção de alimentos no estado do Pará na *bragantina*¹ ganha notoriedade desde século XX, período histórico marcante para as formas de produção agrícola na região, essa expressividade tem diversos aspectos dentre este, está o de ter sua trajetória histórica marcada pela formação de núcleos coloniais. Município como Bragança apresenta peculiaridades em sua trajetória de agricultura familiar na região da *bragantina*, conforme Conceição (1990); penteado (1967); Leandro (2010). Pois essa teve sua dinâmica um cenário distinto, que vai desde uma cultura influenciada por povos ancestrais seja indígenas, negros, ou mesmo migrantes nacionais e internacionais no período mais recente do século XVIII, XIX e XX em que recebiam imigrantes de diversas áreas do país, e do mundo, a saber, europeus (espanhóis, portugueses); nordestinos (cearenses, maranhenses), dentre

¹ Classificação feita pelo IBGE, microrregião da Bragantina possui 13 municípios (Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Capanema, Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Peixe Boi, Primavera, Quatipuru, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, São Francisco do Pará e Tracuateua) nordeste paraense.

Égler (1961). A região da bragantina é marcada por atividades econômicas primárias que se dão em torno da agricultura, extrativismo vegetal, animal e a pesca. No município de Bragança essas atividades estão diretamente ligadas à produção familiar cujos sistemas produtivos se desenvolveram em um contexto histórico tendo, portanto, peculiaridades históricas, culturais, e econômicas sendo delineadoras de identidades territoriais.

Para Haesbaert (1999, p. 172) o território é uma construção, apropriação simbólica, e subjetiva, para o autor toda identidade territorial é uma identidade social, podendo essa ser definida através do território. Concebemos, então, que há bases materiais que se acoplam as diferentes formas de representações - do saber/fazer (do simbólico). Consideramos a feira do agricultor familiar como um território, utilizamos o conceito para destacar a esfera social e cultural que representa a identidade de uma tradição familiar e comunitária de grupos sociais que tem na agricultura a dinâmica de reprodução de suas vidas. Uma identidade que constrói em um território cujas raízes então imbricadas nas práticas cotidianas que trazem um saber-fazer, estabelecendo assim laços de pertencimentos nos espaços concretos. Nessa perspectiva a identidade tem características históricas e sociais conforme Mesquista; Almeida (2017) a seguir:

A identidade por sua característica histórica e social é construída de acordo com as práticas cotidianas vivenciada no tempo e no espaço por cada sujeito ou grupo social. E é a relação estabelecida com o território que confere à mulher e ao homem do campo uma identidade territorial (Mesquista; Almeida, 2017, p. 14).

Para Almeida (2008) A identidade cultural dá sentido ao território e delinea as territorialidades. Almeida (2015; 2008) considera tanto as questões de ordem simbólico-cultural como também o sentimento de pertencimento a um dado território. Podendo ser definida pela relação individual ou coletiva ao território, a autora chama de apropriação simbólico-expressiva.

Para Porto-Gonçalves (2001,) re-existência pode ser compreendido como um processo de reinvenção, pela construção de significados, pela busca de novos processos, de mudanças de estratégias no espaço. De acordo com Hurtado; Porto-Gonçalves (2022), esta ainda pode ser entendida como “Re-existencia se entiende entonces como el poder de recomenzar, de regeneración, de dar nuevos sentidos o renovar los sentidos de la existencia” (Hurtado; Porto-Gonçalves, 2022, p. 5). E como oposição as formas de produção de mercado presente, pensamos que o retorno ao passado, através das práticas ancestrais, é possível recomençar, transformar e inovar.

A feira do agricultor familiar se apresenta como uma forma de re-existência, como estratégia de reprodução social – possibilitando renda, alternativa de comercialização, de

formação e sociabilidade dos agricultores familiares no município de Bragança, nordeste do estado do Pará. As feiras são espaços de estratégicos que “promovem circuitos curtos de comercialização que contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar” Costa; Santos; Priore (2019, p. 10). Essa pode ser considerada um meio que reflete a dinâmica da vida social local do agricultor familiar. Para Wanderley (2000) a coletividade do meio rural está integrada a espaços sociais mais amplos, essa vida social atravessa o local sendo:

[...] o resultado do entrelaçamento de relações sociais que atravessam o espaço local, atribuindo-lhe significados e integrando-o a redes de relações que se estendem por espaços sociais mais amplos e dentre as quais podem ser identificadas: as relações de parentesco e de vizinhança, que são a base da vida social local e cujo conteúdo é dado pelas necessidades do trabalho e da produção e pelas práticas de lazer e da vida religiosa [...] (Wanderley, 2000, p. 30).

A Feira do Agricultor Familiar é um espaço de interação, sociabilidade e vivência, que vai além da venda de mercadorias. Neste artigo, propomos refletir sobre a dinâmica de inserção e as estratégias de produção e comercialização dos agricultores familiares no município de Bragança.

Esta pesquisa é qualitativa, realizada por meio de análise bibliográfica em artigos e livros relacionados ao tema, além de coleta de dados primários através de pesquisa de campo, que inclui entrevistas semiestruturadas com agricultores e comerciantes da feira, realizadas em 2023 e no segundo semestre de 2024. Para a caracterização da área de estudo foi elaborada uma base cartográfica.

O artigo está dividido em cinco partes, incluindo a introdução e as considerações finais. A primeira parte apresenta uma visão geral da área de estudo, abordando aspectos históricos e sociais do município de Bragança. Em seguida, a segunda parte apresenta o histórico da Feira do Agricultor Familiar no município, destacando seus objetivos e sua dinâmica social. A terceira parte discute o protagonismo, a organização e a gestão atual da feira. Na quarta parte, analisamos a dinâmica das comunidades envolvidas e a produção de alguns produtos comercializados na feira, ressaltando o papel desses grupos sociais na constituição de um território de solidariedade e reprodução social. Por fim, são identificados os principais desafios enfrentados pelos agricultores familiares.

Breve descrição e caracterização da área de estudo

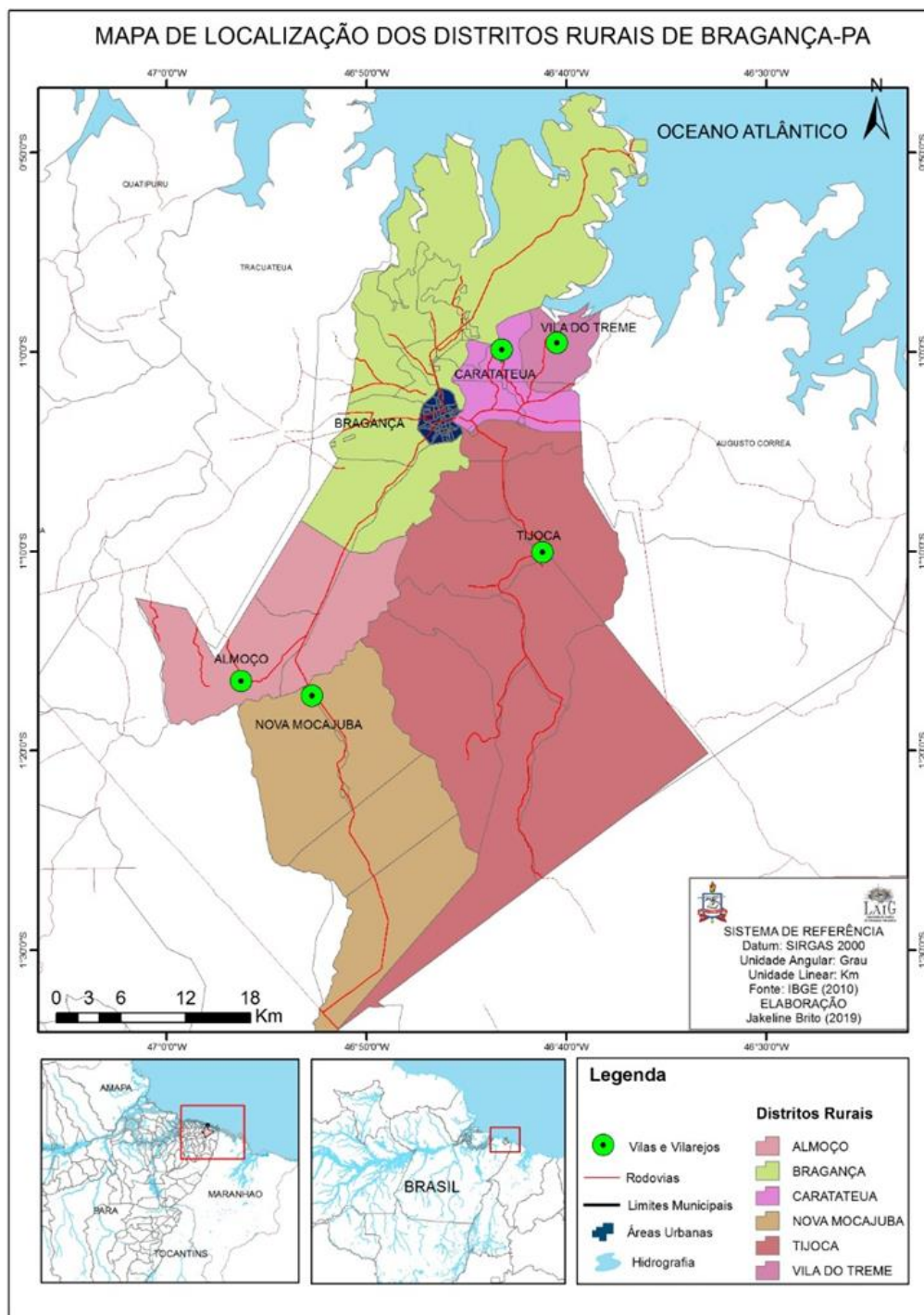
Bragança é uma cidade localizada no norte do Brasil, na mesorregião do nordeste paraense e na microrregião bragantina, em uma latitude (01°03'13" S) e longitude (46°45'56" W), estando à altitude de 30 metros. Com uma população residente 123.082

pessoas, com crescimento estimado de 131.679 pessoas para 2024, conforme IBGE (2022). O município de Bragança conta com seis distritos, conforme a (figura 1) a saber: a sede do município, a cidade de Bragança, os distritos rurais de Almoço, de Caratateua, de Nova Mocajuba, de Tijoca, e Vila do Treme. Totalizando uma área territorial de 2.124,734 km² IBGE (2022). Ao norte do município Oceano Atlântico, Sul: os municípios: Santa Luzia do Pará, distante a 82 km e Viseu localizado a 110 km, leste: o município de Augusto Corrêa, localizado a 18 km, oeste: o município de Tracuateua distante a 14 km IBGE (2022). Bragança é um lugar peculiar, como tantos outros no estado do Pará.

Banhado pelo oceano Atlântico e pelas águas do rio Caeté, esse margeia a orla da cidade, um dos principais pontos de encontros - caracterizada como área que mescla uso residencial, uso comercial e lazer, voltado, sobretudo, para dinâmica pesqueira. Uma marca na Amazônia no padrão detritico, onde a cidade nasce às margens do rio, exercendo, portanto, a atividade econômica pesqueira, ainda que de pequeno porte mais com grande importância econômica para o município.

Bragança se caracteriza como uma área de colonização antiga do Pará, seu histórico de ocupação portuguesa e povoamento inicial ocorreram a partir do litoral e de suas bacias hidrográficas dos rios: Caeté e Gurupi, mas a intensificação da colonização se estabeleceu a partir da Estrada de Ferro de Bragança. A Ferrovia se apresenta como o um elemento técnico Brito (2023) importantíssimo da dinâmica da bragantina, apresentando mudança no espaço e no tempo. Segundo Conceição (1990), os espanhóis chegaram a Bragança em 1894, já os nordestinos tiveram vários fluxos. Deve-se ressaltar que a colonização da bragantina inaugura um momento histórico na formação territorial da região, fatos marcantes nesse processo foram às intensas migrações sobretudo dos nordestinos do Ceará, e do Rio Grande do Norte, conforme Penteado (1967).

De todo modo, o município de Bragança revela precedentes da história do alargamento do território colonial português na Amazônia. Olhamos para o presente é possível revisitar o passado em inscrições sejam em formas materiais como os casarões antigos, edifícios que retratam aspectos de um longo processo histórico, cultural e econômico do município, contendo elementos estruturantes que traçam certas singularidades no cenário de Bragança. Dotada também de características imateriais que se manifestam em práticas sociais, seja na dança, na literatura e nos festivais e festas religiosas pela cidade que claramente singularizam o modo de viver do bragantino. Traços que revelam desde cultura popular, a uma perspectiva histórica religiosa, ao trato da terra em uma relação de pertencimento de identidade que pode ser vislumbrada em reminiscências culturais pela cidade.

Mapa 1: Localização dos distritos rurais do município de Bragança – PA.

Fonte: Elaboração autores, 2019.

A dinâmica econômica do município de Bragança se dar em torno da agricultura, do extrativismo, da pesca, bem como no setor do comercial. Tendo a agricultura familiar destaque nesse contexto, a feira do agricultor familiar surge com um espaço de

(re)configuração das relações urbanas-rurais de mercado no contexto atual de expansão de produção capitalista. Constituindo, portanto, um lócus de produção, relação e vivência e simbologias que se materializam por práticas de reprodução social.

Histórico da feira do agricultor familiar em Bragança

A fundação da Feira do Agricultor Familiar (FAF) em Bragança ocorreu em um contexto de organização da Cáritas Diocesana, em parceria com outras instituições que trabalham com agricultores familiares, como o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR), a secretaria de agricultura, a Escola Agrícola do município, a Empresa de Assistência Técnica e a Extensão Rural do Estado do Pará (Emater). Esse movimento levou ao evento do Festival da Mandioca, realizado em Bragança em 2009.

O primeiro seminário teve como objetivo debater questões relacionadas à produção de farinha, um alimento de referência na região. Durante o evento, os participantes compartilharam as dificuldades enfrentadas na comercialização do produto, incluindo a falta de um local com estrutura adequada para armazenamento e venda da farinha. A ausência de um espaço com essas condições e o preço injusto pago pela farinha foram pontos de indignação entre os produtores. A feira livre de Bragança era o principal destino da farinha produzida nas áreas rurais do município.

Nesse contexto histórico, é importante destacar que, durante o Seminário, foi formada uma equipe para planejar a organização de um espaço de apoio aos agricultores. O evento reuniu dezenas de agricultores, que discutiram os desafios e possibilidades enfrentados pela agricultura familiar no município. O evento encerrou com uma feira de comercialização de produtos derivados da mandioca. Nesse mesmo dia, foi definida a data para a realização da II Feira do Agricultor. Inicialmente, as feiras ocorriam a cada dois meses, sendo a primeira realizada em 26 de julho de 2009, a segunda em setembro e a terceira em novembro do mesmo ano. Posteriormente, a comissão decidiu realizar as feiras todos os sábados e nos dias que antecedem feriados. Atualmente, a Feira do Agricultor Familiar está localizada na Travessa Cel. Antônio Pedro, nº 566, no Centro do município de Bragança, no Pará, e funciona em um complexo no espaço cedido aos feirantes pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Imagem 1: reunião de mobilização para o Seminário da Mandioca, comunidade do km 21 do Montenegro, área rural do município de Bragança/PA.



Fonte: arquivo da Feira do agricultor, 2009.

Imagem 2: I Seminário da mandioca no município de Bragança/PA.



Fonte: arquivo da feira do agricultor, 2009.

A Comissão da Feira dos Agricultores Familiares (Comfaf) é responsável por manter a organização, fiscalização e acompanhamento das propriedades dos agricultores, garantindo que não usem agrotóxicos, não desmatem e adotem outros cuidados ambientais estabelecidos no regimento interno. Ao longo da história da feira, destacam-se as entidades parceiras, como a Fundação Cáritas Diocesana de Bragança, a Emater e o

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR). Em termos de parcerias sociais, a articulação é realizada em conjunto com a Diocese de Bragança, o Instituto Federal do Pará (IFPA), a Multigrafica, a Cáritas Brasileira, a Cáritas Brasileira Regional Norte II, o Setour Catholic Cáritas França, o REPAM e outras parcerias pontuais. Além disso, contam com o apoio de cada agricultor e agricultora da feira.

Imagem 3: organização do local para realização da I feira em julho 2009.



Fonte: arquivo da feira do agricultor.

Imagem 4: realização da I feira em 26 de julho 2009.



Fonte: arquivo da feira do agricultor.

Objetivo da feira é estabelecer uma comercialização direta entre produtor e consumidor, facilitando uma relação de confiança e eliminando o papel do atravessador, que historicamente se beneficiava mais no processo.

Imagem 5: vista parcial da feira do agricultor familiar em Bragança.



Fonte: trabalho de campo, autores, 2023.

A feira é um espaço construído com uma proposta social de autogestão, fundada em uma economia solidária. Para Singer (2002), a economia solidária foi concebida como uma alternativa de vida melhor tanto para os consumidores como para os produtores, com uma lógica de produção comunitária.

[...] Vida melhor não apenas no sentido de que possam consumir mais com menor dispêndio de esforço produtivo, mas também melhor no relacionamento com familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, colegas de estudo etc.; na liberdade de cada um de escolher o trabalho que lhe dá mais satisfação; no direito à autonomia na atividade produtiva, de não ter de se submeter a ordens alheias, de participar plenamente das decisões que o afetam; na segurança de cada um saber que sua comunidade jamais o deixará desamparado ou abandonado (Singer, 2002, p. 114-115).

O espaço visa promover a diversidade e o fortalecimento da agricultura familiar no município de Bragança, oferecendo uma alternativa de comercialização de alimentos tradicionais. Integrando aspectos comunitários, familiares, econômicos e religiosos, o circuito de comercialização estabelece relações de confiança entre produtores e consumidores. Durante os dias de funcionamento, a feira atrai cerca de duzentas pessoas, dependendo da movimentação da cidade. Os frequentadores são, em geral, moradores da

sede urbana, estudantes da educação básica, da universidade e dos Institutos Federais, além de turistas.

Protagonismo, organização e gestão da feira

A feira do agricultor é uma dinâmica única que revela os traços de um ambiente rural, inserido em um contexto de relação direta com o espaço urbano. Em bancas de madeira simples, os produtos são expostos, aguardando o público. O ambiente é animado por conversas, músicas ao vivo, gritos de crianças e veículos que passam nas proximidades. A feira é um mosaico de cores, texturas e sabores que podem ser degustados, mostrando a riqueza cultural e tradicional da região.

Essa feira é um espaço que valoriza o conhecimento tradicional, onde práticas como a produção de plantas medicinais são vistas como uma memória viva da comunidade. Apesar de competir com as redes de supermercados que se estabeleceram no município, a feira do agricultor resiste, sendo uma referência na região. Sua resistência é um testemunho do processo de criação, organização e condução de luta e resistência, de autonomia e de uma história construída por muitas mãos.

Uma produção agroecológica diferenciada, que se distingue por sua abordagem inovadora e saudável, visa garantir a alimentação da população brasiliense sem a utilização de agrotóxicos, oferecendo desafios para a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis. Além disso, busca romper com a lógica do agronegócio, priorizando uma forma de produção que valorize os sujeitos em seus territórios, contribuindo para a não perda de territórios rurais e o êxodo rural, e reconhecendo as práticas, cultivos e manejo adquiridos ao longo das gerações, pelos seus ancestrais. Nesse contexto, Guzmán (2001) propõe uma agricultura participativa, que se baseia nos conceitos da agroecologia, permitindo um desenvolvimento endógeno. Nesse aspecto, o autor destaca a importância de uma produção socialmente justa.

[...] a agricultura participativa utiliza múltiplas formas de experimentação, mas não pretende substituir a pesquisa realizada nas estações experimentais ou negar a investigação científica. O que pretende é modificá-la, transformando o núcleo central de poder que esta detém, baseado na ciência convencional, por outro núcleo, agora baseado no conhecimento local, porque este responde às prioridades e capacidades das comunidades rurais, aceitando, ademais, que estas são capazes de desenvolver agroecossistemas eficazes, rentáveis e sustentáveis (Guzmán, 2001, p. 37).

Conforme Altieri (2002), a agroecologia se fundamenta em uma agricultura com uma perspectiva ecológica, que valoriza os conhecimentos e técnicas dos agricultores locais, incorporando suas experiências de experimentação em diferentes processos. Além de considerar aspectos científicos de produção, essa prática abrange dimensões sociais,

culturais, econômicas, políticas e ambientais, visando estabelecer um processo de produção sustentável.

A comissão gestora da feira é composta por seis agricultores eleitos e aprovados em assembleia, além de duas representantes de cada uma das entidades parceiras: Cáritas, Emater e STTR. Essa comissão se reúne mensalmente para discutir problemas, tomar decisões, apresentar contas e planejar a organização da feira para o mês seguinte. Esse modelo de gestão foi estabelecido após um processo de visita às comunidades, reuniões, rodas de diálogos, formações e mutirões, que resultou na definição das normas de funcionamento do regimento. Em assembleia, o regimento foi lido e aprovado por todos os presentes. O regimento pode ser alterado a cada dois anos, durante a Assembleia, se houver sugestões de mudanças. Nesse caso, as alterações são colocadas em pauta, lidas e votadas.

A feira tem um regimento interno coletivamente construído e aprovado em assembleia em 2015, que regulamenta seu funcionamento. Ela conta com um fundo rotativo, alimentado por contribuições semanais de R\$ 5,00 de cada família participante. Essas contribuições são prestadas mensalmente e utilizadas para a manutenção da limpeza da feira. Além disso, a feira tem um espaço chamado de Ciranda, que, segundo a comissão, visa promover dinâmicas sustentáveis por meio de brincadeiras, filmes e diálogos. Esse espaço acolhe crianças, filhas de agricultores, clientes e visitantes, tornando-se um espaço educativo, de resistência e de oportunidades para vivenciar gestão compartilhada, economia popular solidária e respeito aos saberes tradicionais.

Imagem 6: Ciclo de formação para a 2ª Assembleia da Feira. Vila-Que-era, área rural do município de Bragança.



Fonte: arquivo da feira do agricultor, 2021.

Ao longo de sua trajetória, a feira recebeu apoios de várias instituições, como a Cáritas Brasileira, Obras Sociais da Diocese de Bragança e Fundação Banco do Brasil, além de apoio pontual de empreendedores locais. Essa iniciativa proporciona aos moradores da cidade acesso a alimentos saudáveis. Em 2023, a feira teve a oportunidade de ser

representada em um encontro internacional na França sobre o direito à alimentação saudável, destacando-se como um modelo de referência em nível global.

Imagem 7: registro de dias de feira.



Fonte: arquivo da Feira do agricultor, 2024.

Imagem 8: farinha de mandioca com coco e macaxeira, comercializadas na feira.



Fonte: trabalho de campo, autores, 2024.

Conforme os relatos dos produtores, e comissão organizadora a feira é mais que um local de venda, ela representa práticas e vivência de um trabalho coletivo, que valoriza em primeiro lugar a vida, o não acúmulo de capital e outra forma de uso dos recursos naturais para além do modelo tradicional de mercado.

Comunidades envolvidas e produtos comercializados

A Feira do Agricultor Familiar de Bragança reúne agricultores provenientes de 19 comunidades rurais do município, totalizando 40 famílias cadastradas. Dentre essas, apenas uma família é oriunda de outro município, Augusto Corrêa, pertencente à comunidade Nova Olinda. A feira dispõe de 33 bancas para atender às 40 famílias participantes, sendo que cada banca é ocupada por dois ou três representantes de famílias distintas devidamente cadastradas.

Segundo os agricultores, os produtos comercializados destacam-se por seu baixo custo, qualidade e sustentabilidade. Como relatou um dos participantes: “Os produtos são baratos e sustentáveis, limpos, e o consumidor não reclama”. A feira evidencia a diversidade de alimentos e artesanatos produzidos pelas famílias agricultoras, contribuindo para o resgate e a valorização de práticas produtivas tradicionais e conhecimentos ancestrais das comunidades rurais.

Entre os produtos comercializados, destacam-se a mandioca e seus derivados, além de itens oriundos da horticultura, fruticultura e de outras atividades produtivas diversificadas. O Quadro 1 apresenta uma síntese dos diferentes produtos comercializados na feira, identificando as respectivas comunidades e famílias produtoras. Dessa forma, a feira fortalece os circuitos curtos de comercialização e contribui para a consolidação do sistema agroalimentar local.

Imagem 9: produtos comercializados na feira.



Fonte: trabalho de campo, autores, 2023.

Quadro 1 : comunidades, comerciantes e produtos comercializados na feira do agricultor familiar de Bragança/PA.

Comunidades	Comerciantes da feira do agricultor	Produtos comercializados
Engenho Araçateua	3	Hortaliças: (couve, alface, jambu, cheiro-verde, cebolinha). Fruticultura: (banana, mamão, cupuaçu, bacuri, caju, abacate, abacaxi). Variados: galinha caipira, cara, coco seco e verde, café, mingau, polpa de frutas e mudas de plantas.
Japetá	1	Variados: beiju, limão, abóbora laranja.
Jararaca	2	Farinha de mandioca comum, lavada, de tapioca com e sem coco, farinha de macaxeira, farinha embalada no panela. Fruticultura: (banana, mamão, cupuaçu, bacuri, caju, laranja, abacaxi e milho). Variados: cajucaçu, mel, carvão, peixe de tanque, galinha e ovos caipira.
Laranjal Pimenteira	3	Fruticultura: (Abacate, abacaxi, banana, bacuri, caju, mamão e melancia). Variados: queijos, geleia, mel, doces, iogurte caseiro, coco verde, milho verde, abóbora e macaxeira.
Nova Olinda/Augusto Corrêa	1	Ostras in natura
Pratinha	1	Variados: café, bolos, cuscuz, ovos, adubos orgânicos, plantas ornamentais, mel, própolis, pólen. Fruticultura: (banana, bacuri).
Rod. Dom Eliseu Km 10 do Montenegro	2	Fruticultura: (Banana, mamão, limão, maracujá, acerola). Hortaliças: (abóbora, maxixe, quiabo).
Rod. Dom Eliseu Km 12 do Montenegro	1	Farinha de mandioca comum. Variados: mudas de plantas, adubos orgânicos, plantas medicinais e ornamentais, lenha, cabo para enxada, polpas de frutas, macaxeira, limão, tucupi, coco verde, coco seco, açafraão, abóbora, tucumã, cara, batata doce, miriti mole, cupuaçu, bacuri, piquiá.

Rod. Dom Eliseu Km 14 do Montenegro. Rod. Dom Eliseu Km 21 Montenegro.	5	Farinha de mandioca comum, lavada, de tapioca com coco e sem coco, farinha de macaxeira, farinha seca, beiju de massa, beiju de macaxeira. Variados: galinha caipira feijão seco, milho verde, pamonha, bolo de macaxeira, abóbora e melancia.
Tamatateua	3	Horticultura: (cheiro verde abóbora chicória, cebola, maxixe, quiabo). Variados: galinha e ovos caipira, pato, turu, caranguejo, massa de mandioca, beiju e abacate. Polpa de frutas: (bacuri).
Urupiuna Tauari	9	Farinha de mandioca comum, lavada, de tapioca com coco e sem coco, de macaxeira, farinha seca, e beiju. Pimenta fresca, pimentas no molho de tucupi, pimenta salgada no limão. Fruticultura: (abacaxi, banana, cajuazeiro, laranja, manga). Variados: garapa, coco verde e seco, café moído, cara, cará, milho verde, feijão seco, piquiá, limão, carvão, terra preta, adubo orgânico, carne de porco e tucupi.
Vila-Que-Era	5	Derivados da mandioca: (tucupi, goma, farinha de tapioca, massa de mandioca). Variados: café, mingau diversos.
Genipau- Açu	1	Farinha embalada no paneiro. Artesanatos com guarumã e cipós - paneiros, peneiras, tipitis, abano, cestos e bolsas. Diversos: plantas medicinais, feijão, fava, batatas, macaxeira, cará, coco seco e verde, óleo de coco, óleo de andiroba e mel.
Cearazinho	1	Oleaginosas: (óleo de tucumã, óleo de andiroba, óleo de murumuru, óleo de coco, dentre outros). Variados: castanha de caju assada.
Camutá	1	Variados: pão caseiro, bolo, tortas, tempero caseiro e carne de porco.
Tijoca	1	Variados: galinha caipira, caipirão, beiju, bolinho de massa e manga.

¹ Fonte: trabalho de campo, organização os autores, 2024.

A feira do Agricultor Familiar de Bragança constitui uma organização coletiva que evidencia as estratégias de reprodução social e econômica das famílias rurais, configurando-se como uma importante fonte de renda para diversos produtores familiares. Além disso, representa um instrumento de fortalecimento e preservação dos saberes e fazeres locais, resguardando práticas coletivas e contribuindo para a manutenção das tradições regionais no cotidiano das comunidades.

A feira desempenha um papel fundamental na sustentação econômica e social das famílias envolvidas, possibilitando a construção de uma alternativa de mercado e de um locus de (re)existência, que expressa o protagonismo dos grupos sociais que reconhecem o campo como território de vida, trabalho e sobrevivência. Nesse contexto, é possível compreender a constituição de uma identidade coletiva construída por meio das relações de sociabilidade materializadas no espaço da feira. As famílias de agricultores envolvidos na feira são agentes de transformação, envolvidas em um modo de pensar novas práticas sustentáveis de produção e comercialização, o que fortalece a soberania alimentar e a segurança alimentar. Além disso, a feira possibilita a venda direta do produtor ao consumidor, tornando-se mais rentável para o agricultor.

No entanto, a feira enfrenta desafios significativos, como a insuficiência de investimentos e a baixa visibilidade no âmbito municipal, a ausência de assistência técnica voltada à produção e a expansão do agronegócio na região. Além disso, alguns agricultores familiares manifestam preocupações quanto à permanência de suas famílias em seus lotes, uma vez que muitos ainda não possuem a regularização fundiária ou o título definitivo de suas terras. Esses fatores representam obstáculos à continuidade das atividades produtivas e à reprodução social das famílias rurais, evidenciando a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a agricultura familiar e garantam melhores condições de permanência e produção no campo. Diante disso, a comissão da feira se preocupa com a expansão do agronegócio, como destacou um dos representantes da feira:

O agronegócio está expulsando as famílias do campo, o que nos desafia é como garantir que as famílias fiquem no seu lote. E também, a gente pensa na produção deles, incentivamos a produção sem o uso de agrotóxico, mostramos a eles que alimentamos a cidade. Isso tem nos desafiado, e aí, ver a necessidade de continuar realizando formações com a Caritas para uma elevação do nível de consciência desses sujeitos em seus territórios e que os mesmos possam sentir-se valorizados e dispostos a continuar no campo mesmo, sabe, com toda uma negação de políticas públicas a esses sujeitos. Nós acreditando que dias melhores virão a partir da organização dessas famílias no campo, pois a Feira do Agricultor é um incentivo e exemplo de luta coletiva, e comercialização de suas produções, sabe por tem um preço mais justo sem o atravessador, a feira valoriza a labuta (representante da Comissão da feira dos Agricultores familiares – Comfaf, 2024).

Conclui-se que a feira se apresenta como uma organização social de re-existência de reinvenção, reapropriação da natureza, de exercício de sustentabilidade nas práticas

agroecológicas, sem uso de agrotóxicos em suas produções. Nesse sentido, produtores familiares rurais em Bragança buscam, por meio de atitudes de cuidado e ressignificação, resistir às tendências dos novos mercados de alimentos industrializados na região.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 313-336. ISBN 978- 85-232-1189-9. Available from SciELO Books.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diáspora: Viver entre-territórios e entre-culturas? In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Território e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 173-193.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/panorama>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/pdf/agricultura_familiar.pdf. Acesso em 17 de dezembro de 2024.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. 2006.

BRITO, Jakeline Almeida. Dinâmicas da Bragantina: A Estrada de Ferro de Bragança e os aspectos geográficos de um meio natural em Bragança (Séculos XIX-XX). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, (ISSN: 2359-0831 - on line), Belém, v. 10, n. 02, p. 03 –21, jul-dez. / 2023.

CONCEIÇÃO, Maria de Fátima Carneiro da. **Políticos e Colonos na Bragantina, Estado do Pará: um trem, a terra e a mandioca**. 1990, 319 f. Campinas: Dissertação de Mestrado (Sociologia), Universidade Estadual de Campinas, 1990.

COSTA, B. A. L.; SANTOS, C. C. B.; PRIORE, S. E. Aproximando produção e consumo: a experiência do projeto de extensão “Quintal Solidário”. **Revista ELO: diálogos em extensão**, Viçosa, v. 8, n. 1, p. 9-14, jun. 2019.

CRUZ, Valter do Carmo. R-existências, Territorialidade e Identidades na Amazônia. **Terra Livre**, São Paulo, ano 22, v. 1, p. 63-89, n. 2006.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: RODENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações Culturais no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999a.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: Espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Território e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 91-117.

HURTADO, L. M.; PORTO-GONÇALVES, C. W. Resistir y Re-existir. **GEOgraphia**, v. 24, n. 53, 22 novembro de 2022.

LEANDRO, Leonardo Milanez de Lima. **Campesinato e abastecimento na zona bragantina (1880-1960)**. 2010. 122p. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém. 2010.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; CRUZ, Fabiana T. da. **Alimentos tradicionais como manifestação cultural na contemporaneidade**. In: MENEZES, Sônia S. M.; CRUZ, Fabiana T. da (org.). Estreitando o diálogo entre alimentos, tradição, cultura e consumo. São Cristóvão: EDUFS, 2017. p. 25-44.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Alimentos identitários: uma reflexão para além da cultura. **Geonordeste**, ano XXIV, n. 2, p. 120-136, 2013.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Territórios, territorialidades e identidades: relações materiais, simbólicas e de gênero no campo. Revista **GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 1, p. 02-16, Jan./Jun. 2017.

PENTEADO, A. R. **Problemas de colonização e de uso da terra na região Bragantina do Estado do Pará**. 1º; 2º Vol., Belém: UFPA, [s.n], 1967.

PORTO-GONÇALVES, C. W. (2006) A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha. In: CECEÑA, A.E. Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Disponível:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20101019090853/6Goncalves.pdf>.>

Acesso em 18 de dezembro de 2024.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazonas**. São Paulo: Contexto, 2001.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso. In: FROELICH, J. M.; DIESEL, V. (org.). **Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 19-67.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. In: XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS. CAXAMBU, MG. Outubro de 1996. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. p. 1-18.

WANDERLEY. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. Revista Desenvolvimento e Meio ambiente, v. 2, p.29-37 Editora da UFPR 2000.

Sobre o/a (s) autor/a (s):**Nome completo****Jakeline Almeida Brito**

Geógrafa; Professora, Doutora em geografia pelo programa de Pós-Graduação em geografia da Universidade Federal do Pará (PPGEO/UFPa); bolsista CAPES. E-mail: jake_line_almeida@hotmail.com.

Maria das Graças Pereira Ramos

Professora; Licenciada em Educação do Campo pela IFPA; Esp. Educação de Jovens e Adultos para a juventude. E-mail: gracapt@hotmail.com.

Vilciney Paulo do Carmo Silva

Professor; Licenciado em Educação do Campo pela IFPA. E-mail: vilcislva77@gmail.com.